

Cidade sem carros, uma viagem de Andy Singer

Por Marina Pinho · 03/04/2018

Em sua visita ao Brasil, cartunista participou de diversos eventos e explicou porque cidades que priorizam bicicletas e transporte público são melhores que as dominadas por automóveis

Por Marina Berhorn de Pinho

No começo de março, o cartunista americano Andy Singer veio ao Brasil, convidado pela Fundação Rosa Luxemburgo, para promover o lançamento de seu livro [CARtoons - atropelando a ditadura do automóvel](#). Durante a sua estadia no país, o cartunista participou de eventos em São Paulo e em Salvador. ***Veja a [programação completa](#) das atividades públicas e vídeo com registro da visita:***

No lançamento do livro em São Paulo, que reuniu dezenas de ciclistas na Fundação Rosa Luxemburgo em Pinheiros, Singer explicou os diversos motivos pelos quais abomina carros. Um deles é o fato de automóveis serem fechados, impedindo contato com mundo. “Os carros nos isolam das outras pessoas. Quando andamos, pedalamos ou usamos o transporte público para algum lugar vemos e falamos com diferentes pessoas”, contou Singer.

Outro motivo que o americano citou é a grande poluição causada pelos automóveis. Essa poluição, explicou, não é só o que sai pelo escapamento mas

também o pó dos pneus. O pó dos pneus é composto por partículas de pneus e discos de freios que preenchem o ar ao redor de avenidas, e é muito nocivo aos pulmões. “Os carros também poluem nossa água por meio de vazamentos de tanques de gasolina e de óleo. Carros e rodovias estão entre os principais causadores do efeito estufa!”, relatou Singer, argumentando que 40% das emissões causadoras do efeito estufa produzidas pelos carros não vêm do escapamento dos veículos e sim da produção dos automóveis.

Racismo e machismo no cicloativismo

Em Salvador, Singer também participou em 13 de março do evento “Carrocracia e racismo” na Casa La Frida ([assista ao vídeo na íntegra](#)). O coletivo La Frida é uma organização de cicloativistas negras que veem a bicicleta como ferramenta para a emancipação das mulheres. Elas organizam o projeto “Preta, vem de bike” que dá aulas de ciclismo para mulheres da periferia. Na Casa La Frida, localizada no Beco da Agonia em Salvador, mulheres também têm acesso a uma oficina de bicicleta, um bicicletário, um espaço para reuniões e uma cafeteria.

Apesar de carrocracia e racismo parecerem dois assuntos com pouca ligação, eles não são: “o debate sobre cicloativismo precisa passar por uma intersecção de raça, de classe e de gênero”, disse Christiane Gomes da Fundação Rosa Luxemburgo. Ela defendeu que só assim esse debate pode se politizar, saindo do circuito masculino e branco em que muitas vezes acaba restrito.

Leia também: [Um negro Fórum em uma negra cidade](#), por Christiane Gomes

No evento, o americano teve uma conversa com a ativista Jamile Santana sobre a cultura automobilística, o racismo e o machismo. “É complicado eu chegar aqui e falar sobre o cicloativismo. É necessário, é fundamental, mas é muito complicado

eu falar de cicloativismo sem fazer o recorte racial e de gênero, pois ainda somos poucas nesse espaço”, destacou Santana.

Ela também contou da difícil situação passada por mulheres quilombolas em Salvador. Muitas dessas mulheres negras e pobres precisam andar quilômetros para chegar a um transporte público, e ainda usar esse transporte para chegar à feira. “Se tivesse a facilidade de a gente conseguir a implementação de bicicletas e bicicletários, de conseguir estimular o uso de bicicletas nesses espaços, seria de extrema importância”, defendeu a ativista.

Jamile Santana e Andy Singer

Jamile Santana e Andy Singer

Carros versus transporte público

No Brasil, a estimativa é de mais de 40.000 mortes em ocorrências com veículos por ano. Segundo dados do Observatório Nacional de Segurança Viária citados em [reportagem da Folha de S. Paulo](#), o prejuízo é de R\$ 56 bilhões por ano para o estado. Esse foi um dos assuntos discutidos no segundo lançamento do livro realizado em Salvador em 15 de março no Instituto Goethe. “Muita gente morre no trânsito e isso impacta diretamente nosso orçamento público”, detalhou Erica Telles, do coletivo Mobicidade Salvador. Um uso melhor para esse dinheiro? O transporte público. “Precisamos cortar os gastos de impostos investidos em avenidas e redirecioná-los para o transporte público”, sugeriu Singer.

O cartunista também lembrou que os espaços ocupados por ruas e estacionamentos afetam a arrecadação de impostos das cidades. Nessas áreas poderiam ser criadas propriedades que poderiam ser taxadas. Por fim, esses impostos poderiam ser usados para financiar escolas, segurança e a área da saúde. “Toda vez que vejo uma avenida ou um estacionamento penso no que

existia antes nesse lugar ou no que poderia existir”, compartilhou o cartunista.

Singer não acredita que haveria menos empregos se o uso de carros diminuir. Para ele, o transporte público oferece bem mais vagas. “Carros são uma maneira ineficiente de transportar pessoas. Eles gastam espaço, tanto quando estão em movimento, quanto quando estão parados.” Ele também critica a ideia passada pela indústria automobilística que pessoas com carros são bem sucedidas e pessoas que andam a pé ou de bicicleta não são.

“A indústria automobilística está fazendo promessas que não pode cumprir!”, afirmou o cartunista. Ele lembrou que produtores de carros defendem que combustíveis como etanol ou carros elétricos são a solução para todos os problemas relacionados ao uso de automóveis, no entanto, destacou que essas opções são, muitas vezes, inviáveis. Citou como exemplo o lítio usado na bateria dos carros elétricos. A demanda subiu com o aumento da produção, contudo não há quantidade suficiente do metal no mundo para equipar os novos veículos elétricos.

Cartoons e ativismo

Andy Singer

Andy Singer

Andy Singer começou a andar de bicicleta por ser artista e ter pouco dinheiro. Ele morava em um bairro cruzado por inúmeras avenidas, todavia, não tinha dinheiro o suficiente para comprar um carro. “Andar de bicicleta me levou a política”, lembrou o cartunista. Ele foi transformando suas experiências como ciclista em um mundo de carros em cartoons, juntando sua paixão pela arte com seu cicloativismo (veja [mais do seu trabalho](#) em seu site, somente em inglês).

O livro [CARtoons - Atropelando a Ditadura do Automóvel](#), publicado pelas editoras [Autonomia Literária e Avocado](#), com apoio da Fundação Rosa Luxemburgo, mostra exatamente isso. No livro o cartunista critica de maneira bem humorada uma sociedade que prioriza os carros, com cartoons engraçados, mas que ao mesmo tempo levam a reflexão.

E será que o cartunista consegue imaginar um mundo sem carros? “O mundo não tinha carros até os anos de 1890...”, respondeu Singer, resumindo todas as vantagens que a bicicleta trouxe para a sua vida em uma frase: “A bicicleta me ajuda a atuar politicamente, ela ajuda a minha saúde e me ajuda a economizar dinheiro!”

Fotos: Verena Glass